

## As batalhas de Olavo Bilac na imprensa carioca: o folhetim *Sanatorium* como expressão do autoritarismo do governo de Floriano Peixoto

Mirella Ribeiro Pinto\*

### Resumo

Este artigo tem como objetivo principal mostrar como a literatura foi fundamental nas batalhas por liberdade de expressão empreendidas pelo escritor Olavo Bilac durante a Primeira República, especificamente no ano de 1894. Impactado pelas medidas, impostas pelo presidente Floriano Peixoto, que tentaram cercear a atividade jornalística, Bilac, através de crônicas e folhetins, defendeu a liberdade de expressão e pensamento em seus escritos para a *Gazeta de Notícias*. Entre os anos de 1892 e 1894, Olavo Bilac foi preso algumas vezes e precisou se autoexilar, em Ouro Preto e posteriormente em Juiz de Fora, devido à oposição que fazia ao governo florianista. Sendo assim, através do folhetim *Sanatorium*, publicado na *Gazeta de Notícias*, sob o pseudônimo coletivo de Jayme de Athayde, em parceria com autor Magalhães de Azeredo, buscou-se compreender a atuação de Olavo Bilac na imprensa e sua oposição à censura empreendida pelo Marechal Floriano Peixoto enquanto ocupou a presidência da República.

**Palavras-chaves:** Olavo Bilac; Imprensa; Literatura; República.

### Abstract

This article aims to show how literature was fundamental in the struggles for freedom of expression undertaken by writer Olavo Bilac during the First Republic, specifically in the year 1894. Impacted by the measures, imposed by President Floriano Peixoto, which tried to curtail journalistic activity, Bilac, through chronicles and serials, defended freedom of expression and thought in his writings for *Gazeta de Notícias*. Between 1892 and 1894, Olavo Bilac was arrested a few times and had to go into self-exile, in Ouro Preto and later in Juiz de Fora, due to his opposition to the Florianist government. Thus, through the *Sanatorium* folio, published in *Gazeta de Notícias*, under the collective pseudonym Jayme de Athayde, in partnership with author Magalhães de Azeredo, we sought to understand the performance of Olavo Bilac in the press and his opposition to the censorship undertaken by the Marshal Floriano Peixoto while he held the presidency of the Republic.

**Keywords:** Olavo Bilac; Press; Literature; Republic.

---

\* Mestra em História Cultural pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia. Professora de História na Escola Estadual Padre Henrique Peeters.

No final de 1894, Olavo Bilac, juntamente com Carlos Magalhães de Azeredo<sup>1</sup>, publicou um folhetim intitulado *Sanatorium*, que foi escrito durante a passagem desses dois “homens de letras” por Minas Gerais, quando ambos se encontraram em Juiz de Fora<sup>2</sup>. No entanto, os dois escritores escolheram assinar o romance-folhetim com o pseudônimo de Jayme de Athayde e não identificarem a verdadeira autoria da obra naquele primeiro momento. *Sanatorium* foi publicado pela *Gazeta de Notícias* entre os dias 11 de novembro e 12 de dezembro de 1894<sup>3</sup>. Como de costume, a redação do jornal carioca iniciou as propagandas do novo folhetim nas edições de setembro de 1894, dois meses antes da estreia. Os anúncios do folhetim *Sanatorium* continham interessantes vestígios dos interesses do jornal ao publicar o romance porque já reiteravam uma série de denúncias feitas, após a suspensão do estado de sítio, sobre a censura e os exílios políticos durante o governo de Floriano Peixoto. Um exemplo disso é o anúncio publicado no dia 16 de setembro de 1894, sete dias depois que Olavo Bilac havia encerrado a série *Chronica Livre*. Em sua primeira página, o jornal escreveu:

Logo que termine a publicação dos contos do segundo concurso literário, a *Gazeta de Notícias* começará a publicar um romance da atualidade, com o título acima. A ação passa-se em uma cidade de Minas, onde se reúnem foragidos políticos, gente fugida à febre amarela, doentes, uma companhia dramática, e o diabo a quatro. Toda essa gente faz política, intriga, tagarela, joga a roleta, ama, e dá escândalo. Os tipos são todos conhecidos. Dir-se-ha que foram fotografados. Chamamos muito especialmente a atenção dos nossos leitores para o **SANATORIUM**<sup>4</sup>.

Pela propaganda, observa-se que a *Gazeta de Notícias* já dava indícios dos assuntos principais que o romance iria abordar nos rodapés daquele jornal: intrigas, política e a vida dos foragidos do regime. De acordo com o anúncio, o romance era um enredo sobre a “atualidade” e sobre pessoas que estavam “foragidas” dos problemas sociais e políticos da capital federal. “Os tipos são conhecidos”, afirmava o jornal, o que indica possíveis correspondências com a

---

<sup>1</sup> Carlos Magalhães de Azeredo nasceu no Rio de Janeiro em 1872. Bacharel em Direito, escritor, ensaísta, crítico e poeta, foi embaixador do Brasil no Estado do Vaticano. Entre suas principais poesias contam-se “Procelárias”, “Horas Sagradas”, “Odes e Elegias”. Como ensaísta e crítico é autor de “Homens e Livros”, além de numerosos discursos e estudos. Foi representante da fase final do parnasianismo e membro fundador da Academia Brasileira de Letras.

<sup>2</sup> Como indica Raymundo Magalhães Júnior, o *Sanatorium* foi escrito quando Olavo Bilac e Magalhães de Azeredo se encontraram em Juiz de Fora, em meados de março e abril de 1894. MAGALHÃES JÚNIOR. *Op. cit.*, 177.

<sup>3</sup> Ainda que a obra fosse assinada por um pseudônimo, a responsabilidade pelo seu conteúdo seria, no limite, da própria *Gazeta de Notícias*.

<sup>4</sup> “Sanatorium”. *Gazeta de Notícias*, 16 set., 1894, p. 1.

## As batalhas de Olavo Bilac na imprensa carioca...

vida “real” ou com os acontecimentos da “atualidade”. A partir desse anúncio, é possível identificar o desejo da obra de tematizar alguns problemas que assolaram o país após o vice-presidente Floriano Peixoto assumir a presidência em 1892.

Durante todo o romance, episódios como o estado de sítio e a Revolta da Armada estavam presentes como tema, pano de fundo e, principalmente, como os motivos da fuga da maioria dos personagens para Minas Gerais em busca de um lar temporário. Com esse anúncio, a *Gazeta* chamou a atenção do público leitor não só para o enredo da história, mas para o tipo de debate que a obra traria para o seu rodapé. Na edição seguinte, de 17 de setembro, o jornal anunciou mais uma vez o novo folhetim, mas o foco foi os personagens, a exaltação da presença masculina no romance e, ao mesmo tempo, o menosprezo das personagens femininas:

Logo que termine a publicação dos contos do segundo concurso literário, a *Gazeta de Notícias* começará a publicar um romance da atualidade, com o título acima. A ação passa-se em uma cidade de Minas, onde se reúnem foragidos políticos, gente fugida à febre amarela, doentes, uma companhia dramática, e o diabo a quatro. Toda essa gente faz política, intriga, tagarela, joga a roleta, ama, e dá escândalo. Os tipos são todos conhecidos. Dir-se-á que foram fotografados. Está claro que nos referimos aos masculinos. As senhoras que figuram no romance, são puras fantasias do autor. Chamamos muito especialmente a atenção dos nossos leitores para o **SANATORIUM**<sup>5</sup>.

Nessa nova propaganda, esmiuçou-se o enredo do romance e foi chamada a atenção tanto para o local onde se passava a trama quanto para os motivos que levaram as pessoas a buscar refúgio em Minas Gerais. A *Gazeta* informou que o folhetim ia tratar de um passado recente, de uma política autoritária que acometeu diversos setores da sociedade, inclusive a imprensa, e de seus colaboradores que estavam representados nos personagens masculinos. Essa foi uma estratégia do periódico para ampliar seu número de vendas e, conseqüentemente, o público leitor<sup>6</sup>. Durante quatro edições do mês de setembro, a *Gazeta de Notícias* anunciou que o folhetim *Sanatorium* iria estreiar somente após o final das publicações do segundo concurso literário que estava se desenrolando. Os anúncios sempre traziam alguns detalhes novos do folhetim, além de breves descrições do contexto da história e de alguns personagens:

---

<sup>5</sup> “Sanatorium”. *Gazeta de Notícias*, 17 set., 1894, p. 1.

<sup>6</sup> PORTO, Ana Gomes. *Um esqueleto no Paço Imperial: literatura e política em alguns folhetins no início da República*. Cadernos AEL, 9 (16/17), 2010.

A ação deste romance, que a *Gazeta de Notícias* vai publicar brevemente em folhetim, passa-se em uma cidade de Minas, para onde fugiu muita gente, uns por causa da febre amarela, outros por causa do estado de sítio. Entre os tipos conhecidos, há um que os autores descrevem nos seguintes termos: "... barão de Raymond, - corpanzil de Falstaff, - rico, acariciando de momento em momento as barbas grisalhas, com uma gramenhice de velho conquistador, olho cupido, eternamente fixo nas mulheres que passavam, mão constantemente metida na algibeira, remexendo moedas, como a apregoar a sua bonita fortuna que o *Encilhamento* consolidara." Não continuamos a transcrição, para não privar o leitor das surpresas do livro. Chamamos muito especialmente a atenção do público para o **SANATORIUM**<sup>7</sup>.

Abordar a temática do encilhamento era um modo de passar para o leitor que o folhetim ia tratar das consequências deixadas pela política econômica elaborada durante o governo de Marechal Deodoro da Fonseca. Por outro lado, novamente a *Gazeta de Notícias* dava enfoque na cidade em que a história iria se passar, uma cidade fictícia de Minas Gerais, espaço no qual os personagens iam se metamorfosear em caricaturas de literatos e jornalistas importantes que precisaram fugir por causa do estado de sítio. Logo, não existia tema mais atual para a *Gazeta de Notícias* repercutir no rodapé das suas páginas, pois, com o estado de sítio suspenso, aquele parecia ser o momento ideal para chamar o público para apreciar um folhetim que iria explicitar críticas contundentes ao governo de Floriano Peixoto, sem correr o risco de o jornal ter suas publicações suspensas. Por meio de *Sanatorium*, os autores abordaram as dificuldades enfrentadas pela sociedade brasileira, inclusive os intelectuais e os jornalistas durante os primeiros anos da Primeira República. Além disso, o romance ressaltou ainda uma crítica ao sistema monarquista, que deveria ter sido superado e esquecido. Um sinal disso eram os personagens monarquistas. Foi através do Barão de Raymond, do casal Marquês e Marquesa do Tijuco e do Comendador Romaguera que Olavo Bilac e Magalhães de Azeredo fizeram críticas à monarquia e ao uso dos títulos de nobreza após a Proclamação da República.

Ademais, é importante ressaltar que a criação de um autor ficcional, o pseudônimo coletivo de Jayme de Athayde, abriu inúmeras brechas para que fossem reforçados os paralelos entre a realidade e a ficção no romance. Por ser a junção das características de Bilac e de Azeredo, o pseudônimo na verdade se transmutava numa síntese da experiência dos intelectuais nos primeiros anos da República brasileira. Como já havia feito antes, a *Gazeta de*

---

<sup>7</sup> "Sanatorium". *Gazeta de Notícias*. 19 set., 1894, p. 1.

## As batalhas de Olavo Bilac na imprensa carioca...

*Notícias* gostava de brincar com os pseudônimos nas propagandas dos folhetins e fazia eles parecerem pessoas reais ao mesclar elementos ficcionais e realidade.

Para conseguir esse efeito, o jornal publicou um artigo sobre Jayme de Athayde, no qual descreveu suas características e sua trajetória de vida, e isso deu uma certa “materialidade” à sua existência. Ademais, a *Gazeta* juntou características dos dois autores de *Sanatorium*, construiu uma pequena apresentação do perfil do autor, a qual vinha acompanhada de um retrato que divulgava o suposto rosto de Athayde. Ainda na primeira semana de publicação do folhetim, no dia 14 de novembro de 1894, saíram na primeira página do jornal informações sobre o escritor mineiro, que havia nascido em Bom Sucesso, no dia 24 de agosto de 1852. De acordo com a *Gazeta de Notícias*, Jayme Fernando de Nogueira de Athayde não era um escritor “principiante em literatura” e “nem um moço, era descendente dos Athaydes, os quais eram conhecidos como “fidalgos de alta linhagem, tão célebres na história lusitana”<sup>8</sup>. Além disso, a suposta imagem de Jayme de Athayde que foi publicada lembrava muito a do escritor Pardal Mallet, amigo de Olavo Bilac, que, naquele novembro de 1894, estava sofrendo de tuberculose e faleceu no dia 24 de novembro de 1894 em Caxambú, Minas Gerais. Tudo indica que retratar Jayme de Athayde com os traços físicos de Mallet foi uma forma de os escritores, Bilac e Azeredo, homenagearem o companheiro de letras adoentado, e as semelhanças são notadas na vestimenta, nos cabelos, na barba e no bigode.

---

<sup>8</sup> *Gazeta de Notícias*, 14 nov., 1894, p. 1.

**Imagem 1:** Retrato do suposto Jayme de Athayde, pseudônimo criado por Olavo Bilac e Magalhães de Azeredo



Fonte: *Gazeta de Notícias*, 14 nov., 1894, p. 1.

**Imagem 2:** Retrato de Pardal Mallet, literato e amigo de Olavo Bilac que faleceu em Caxambú (MG), durante a publicação do folhetim *Sanatorium*, em 24 de novembro de 1894.



Fonte: Disponível em:<<https://www.geni.com/people/Pardal-Mallet/6000000017877228478>>. Acessado em 12 ago., 2020.

Segundo o anúncio da *Gazeta de Notícias*, Jayme de Athayde iniciou sua carreira como escritor quando estava no Seminário de Mariana para estudar humanidades, mas depois cursou a *Escola de Direito do Recife*, onde colaborou em jornais acadêmicos, “entusiasmando os rapazes e estremecendo as mulheres com poesias de um lirismo romântico que era as delícias

daquele tempo”. Sem concluir os estudos na Faculdade de Direito, ele viajou para Europa e se apaixonou por uma mulher de “família ilustre”. Segundo a “biografia” de apresentação feita pela *Gazeta*, Athayde também colaborou na imprensa de Minas, de São Paulo e de “grandes órgãos do Rio”. O artigo destacou ainda que Athayde, por ser uma pessoa tímida, nunca apareceu muito em público e, “passando de umas terras para outras, a fim de escapar a uma guerra de rancores, tenaz e sem tréguas”<sup>9</sup>, mudou de endereço várias vezes. A nota biográfica de Jayme de Athayde ainda trouxe a informação de que, no momento da escrita do romance, o autor estava em sua cidade natal “ouvindo de testemunhas oculares a crônica do *Sanatorium*”<sup>10</sup>, afirmação que também pretendia dar aparência de “veracidade” para os fatos que seriam narrados no romance.

Dessa forma, o folhetim foi anunciado como expressão de um tempo vivido pelo autor, composto por fatos “verdadeiros e outros de mera fantasia”. Além dessa detalhada descrição da biografia de Jayme de Athayde, a *Gazeta de Notícias* também trouxe no anúncio um soneto que, segundo ela, havia sido “digno do primeiro prêmio no *Espírito dos Outros*”<sup>11</sup>. Assim como os escritores Olavo Bilac e Magalhães de Azeredo, o pseudônimo Jayme de Athayde compartilhava de uma história de vida muito próxima da experimentada pelos dois autores. Entre as “coincidências”, estavam o curso de Direito, o estilo de escrita de poesias formais, as viagens, a dedicação à imprensa, além da experiência nas terras de Minas Gerais causada pela fuga da represália do governo de Floriano Peixoto. Propositamente, o jornal parecia embaralhar características reais dos escritores com dados ficcionais do pseudônimo criado para a publicação do folhetim.

As publicações de poemas assinados por Jayme de Athayde apareceram nas páginas da *Gazeta de Notícias* durante o momento em que *Sanatorium* estava sendo publicado, a ideia provavelmente era dar aparência de realidade à existência daquele autor até então “inédito” na imprensa carioca. Outra nota de publicação a respeito do *Sanatorium* e do Athayde apareceu no dia 20 de novembro de 1894, e, segundo o redator, a *Gazeta* havia recebido uma

---

<sup>9</sup> Idem.

<sup>10</sup> Ibidem.

<sup>11</sup> Concurso literário promovido pela *Gazeta de Notícias* no dia 5 de agosto de 1894, em que era permitido o envio de caricaturas, sátiras, epigramas, anedotas, poesias, ou artigos de fantasias bem humoradas, e que era permitido o uso de pseudônimo. “O espírito dos outros”. *Gazeta de Notícias*, 5 ago., 1894, p. 1. De acordo com o resultado do concurso, publicado na *Gazeta de Notícias*, o pseudônimo de Jayme de Athayde não apareceu na lista de premiados. “O espírito dos outros”. *Gazeta de Notícias*, 19 ago., 1894, p. 1.

carta de um leitor anônimo, que escreveu direto de Bom Sucesso, comentou sobre o *Sanatorium* e relatou boatos do escritor Jayme de Athayde:

Sr. redator. - Temos todos nesta cidade acompanhado com interesse o romance *Sanatorium*, que a *Gazeta* está publicando atualmente em folhetins; e, permita V. que lhe digamos, a quantas pessoas sensatas e respeitadas aqui o têm lido, causa pesar, verdadeiro pesar, que uma folha como a sua, tão bem estreada no conceito do Brasil inteiro, admita a colaboração deste ignóbil tipo, que se chama Jayme de Athayde. Naturalmente, V. não o conhece, como o conhecemos nós, seus patrícios; sim, porque é uma triste verdade, Jayme de Athayde nasceu em Bom Sucesso, e é um dos poucos, pouquíssimos valdevinos que esta terra tem produzido. Ah! mas como tipo vicioso e malvado, é completo, Sr. redator! Invoque, se quiser o testemunho de toda a população desta cidade! Caloteiro de marca, deve quantias, consideráveis umas, outras ridículas, a todas as pessoas capazes de emprestar conto de réis ou um tostão; não há aqui vendeiro ou açougueiro, que não seja seu credor. Habitualmente bêbado, só até o meio-dia tem as vezes boas pilhérias (mas quase sempre ofensivas e imorais) dessa hora em diante se torna insuportável; a noite, é em geral necessário levarem-no em braços para casa, quando ele não fica a dormir, brutalmente, como um animal, no meio do campo; cômico de que o alcoolismo serve de desculpa a muitos excessos, aproveita-se disso para insultar os capitalistas mais distintos deste lugar - e estes, receosos de escândalo ou compassivos até o desespero, não se animam a puni-lo. Em suma, é um homem de péssima fama. Diz a *Gazeta*, no artigo biográfico publicado há dias, que ele cultivava a sátira com proficiência e êxito? É verdade, Sr. redator, porque talento o tem, não vamos até o ponto de lhe negar, e pena é que o empregue, tão veemente. Cultiva a sátira... mas que sátira! Não basta para prova o soneto perverso, que ele ousou atirar às faces de uma veneranda senhora, só porque está se casou na idade de sessenta e tanto anos com um distinto moço de vinte e cinco? Casou-se; e que mal há nisso? Que têm o Sr. Athayde com a vida alheia? Com que direito se mete no que lhe não pertence? [...] No próprio *Sanatorium*, quanto desaforo! Quanta indecência! Enfim, agora que já começamos a lê-lo, havemos de lê-lo até a última linha. Mas é uma lástima, repetimos, que a *Gazeta* o acolha com essas honras todas, imerecidas... E com certeza, pagando-lhe bem o trabalho. Morto por isso estava ele, morto por se atirar ao joguinho com esses cobres! Porque, para nada lhe faltar é também frequentador assíduo de uma roleta que aqui há... Desculpe a liberdade que tomamos, Sr. redator, de fazer-lhe estas observações, só inspiradas pela simpatia decidida que sempre votamos a *Gazeta de Notícias*. Com a mais alta estima nós assinamos de V. etc. - O; e L<sup>12</sup>.

Essa carta do suposto conhecido de Jayme Athayde trouxe mais credibilidade para que o público acreditasse na existência do suposto escritor, pois descreveu características típicas dos intelectuais da época - um homem da boêmia que andava sempre sem dinheiro e com

<sup>12</sup> "Sanatorium". *Gazeta de Notícias*. 20 nov., 1894, p.1.

## As batalhas de Olavo Bilac na imprensa carioca...

dívidas – e fez referência a má remuneração dos literatos e ao espírito satírico. Esse senso comum a respeito da vida dos “homens de letras” no final do século XIX era um misto de informações que convenciam, chamavam a atenção dos leitores e os motivavam a acompanhar a publicação do *Sanatorium*. Naquele momento, a *Gazeta de Notícias* e os autores do folhetim não publicaram a verdadeira autoria, apenas anos mais tarde foi desvendado que Olavo Bilac e Magalhães de Azeredo eram os autores de *Sanatorium*. Segundo Raymundo Magalhães, vinte anos depois da publicação do folhetim, Carlos Magalhães de Azeredo, em uma carta que escreveu para Max Fleiuss, declarou sua parceria com Olavo Bilac na escrita do romance *Sanatorium*:

Foi aquele, para mim, um tempo de áacre produção literária, e propriamente às impressões de São João del-Rei, dediquei um livro - aí! bem pouco adequado e condigno! - escrito em colaboração com Olavo Bilac no nosso breve exílio em Juiz de Fora. O glorioso poeta não terá esquecido talvez a nossa excelente camaradagem de então, as prosas diárias no Hotel do Rio, e no seu ermo plácido de Santo Antônio, e os capítulos alternadamente compostos, com febril atividade, por algumas semanas, do famoso Sanatório, que Joaquim Nabuco chama o nosso pecado literário<sup>13</sup>.

Dias antes da publicação do folhetim, em 8 de novembro de 1894, Ferreira de Araújo, sob o pseudônimo L.S., na coluna *Flanando*, escreveu sobre o romance *Sanatorium*, que estava sendo anunciado nas páginas da *Gazeta de Notícias*. Segundo ele, os personagens daquele folhetim-romance viveram “em Minas nos tempos tormentosos da revolta e da febre amarela”<sup>14</sup>. A descrição do local em que se passava a história foi indispensável para que os leitores se atentassem para o contexto político do folhetim, afinal, Minas Gerais, por não ter declarado o estado de sítio em 1893, acolheu inúmeros desterrados que estavam com a liberdade ameaçada pelo Governo Federal<sup>15</sup>. Araújo ainda tentou ressaltar para o leitor que aquele folhetim não estava fantasiando os personagens masculinos, pois muitos deles poderiam ser reconhecidos, como Olavo Bilac, Magalhães de Azeredo e Valentim Magalhães, por causa da censura florianista e dos problemas sociais que assolavam o Rio de Janeiro, como

---

<sup>13</sup> Segundo Raymundo Magalhães “essa carta foi transcrita por Max Fleiuss, em 19/9, em seu livro *Páginas Brasileiras*. Os trechos citados constam das páginas 181 e 182. Quando Magalhães de Azeredo escreveu, Bilac era ainda vivo.” MAGALHÃES JÚNIOR. *Op. cit.*, p. 178.

<sup>14</sup> “Flanando”. *Gazeta de Notícias*. 8 nov., 1894, p. 1.

<sup>15</sup> O decreto de nº 1.617, de 25 de Dezembro de 1893, suspendia as garantias constitucionais em algumas partes do território da República, sendo declarados o Distrito Federal e os Estados de Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. BRASIL. *Coleção de Leis do Brasil - 1893*, p. 800, vol. 1, pt II.

as doenças de gripe, febre amarela e cólera. Segundo L.S., ao ler *Sanatorium*, o público ia conseguir imaginar os personagens com outros nomes e como pessoas que frequentavam as ruas do Rio de Janeiro:

[...] que nós acotovelamos aí todos os dias na rua do Ouvidor, e na rua da Alfândega. [...]E não se esqueçam de que, para bem entendê-lo, convém substituir os nomes dos personagens machos por nomes conhecidos em toda esta vasta amarelopolis<sup>16</sup>.

Com isso, o diretor do jornal buscou chamar a atenção do leitor para os traços de realidade que continham nos personagens e nos acontecimentos de *Sanatorium*. Além disso, essa foi uma forma de a *Gazeta* abordar, com criticidade, temas como a Revolta da Armada, o estado de sítio e o controle da liberdade de imprensa ocorridos durante o governo de Floriano Peixoto. Essa estratégia usada pela *Gazeta de Notícias* confirmava “o poder do folhetim para atrair novos leitores como o interesse do grande público em acompanhar o debate de questões sociais latentes através de textos ficcionais”<sup>17</sup>. Ademais, o comentário de Ferreira de Araújo foi direcionado para os personagens que faziam caricaturas de escritores conhecidos do público, como Olívio Bivar, Manhães de Azevedo e Vincentim de Guimarães, os quais correspondiam, respectivamente, aos literatos Olavo Bilac, Magalhães de Azeredo e Valentim Magalhães. Bilac e Magalhães de Azeredo aparecem no enredo com os nomes fictícios de Olívio Bivar e Manhães de Azevedo, respectivamente. Azevedo é o primeiro a aparecer na história e foi descrito como um:

homem de letras já conhecido, dotado de espírito observador sarcástico, um pouco pedante; quando deixava em paz os livros, divertia-se a estudar miudamente todos os tipos da casa e da rua e, em apanhando um ajeito, traçava-lhe a caricatura num caderno de esboços<sup>18</sup>.

Manhães de Azevedo era um desses intelectuais possíveis de se encontrar na rua do Ouvidor e na rua da Alfândega, no Rio de Janeiro. Segundo Jayme de Athayde, ele era um estudante e estava de passagem em Minas Gerais para desfrutar de suas férias. Em

---

<sup>16</sup> Idem.

<sup>17</sup> RAMOS, Ana Flavia Cernic. *Barricadas em rodapés de jornais: Revolta popular e cidadania política na Gazeta de Notícias (1880)*. Revista de História, n.179. São Paulo: 2020, p. 13.

<sup>18</sup> “Sanatorium”. *Gazeta de Notícias*, 16 nov., 1894, p. 1.

## As batalhas de Olavo Bilac na imprensa carioca...

contrapartida, o personagem caricatural de Bilac aparece apenas no capítulo XX do romance, como um novo hóspede do *Sanatorium* e amigo de Manhães de Azevedo:

Dois novos hóspedes do Sanatorium eram requisitados pelos rapazes; eram dois homens de letras, de nome conhecido. Tinham chegado na véspera. Manhães de Azevedo, amigo de ambos, apresentara-os logo à roda. Um deles, Vicentim de Guimarães, jornalista e advogado, era magro, pálido, rosto imberbe, de criança, apesar dos seus 38 anos<sup>19</sup>. Muito míope, moviam-se-lhe os olhos inquietos por trás dos grossos vidros do *pince-nez* de tartaruga. O outro, Olívio Bivar, poeta e cronista feíssimo, vesgo, muito míope também, olhava para todos de través, analisando fisionomias e *toilettes*<sup>20</sup>.

Uma vez que o folhetim foi publicado no final do mandato de Floriano Peixoto, não fazia mais sentido Bilac e Magalhães de Azevedo esconderem suas identidades atrás do pseudônimo Jayme de Athayde, inclusive porque a biografia do Athayde se misturava com a trajetória desses escritores, que possuíam experiências de vida semelhantes aos intelectuais da época, como a Faculdade de Direito e a boêmia. Logo, a *Gazeta de Notícias* se apropriou do folhetim para publicar denúncias dos atos do governo de Floriano Peixoto, mesmo depois do fim do governo, pois esse era um modo de não deixar cair em esquecimento o autoritarismo que consolidou a República. Nesse sentido, a publicação do quarto capítulo do *Sanatorium*, no dia 14 de novembro, foi o último dia do governo florianista, uma data relevante para a publicação de um romance que denunciava a censura do governo, e essa foi uma forma de a *Gazeta* e os autores do folhetim, mesmo por detrás do pseudônimo, exporem as experiências vividas naqueles primeiros anos de República. Enfim, as colunas literárias eram o meio utilizado para tratar de política e convidar o público leitor a participar daquelas reflexões acompanhando os capítulos daquele enredo, como era costume naquele final do século XIX. Portanto, a *Gazeta de Notícias*, com o fim do estado de sítio, denunciou tudo o que não pôde, em suas páginas e de modo mais explícito, após a suspensão das atividades que sofreu em novembro de 1893.

O romance-folhetim *Sanatorium* tinha, como pano de fundo uma cidade muito pacata do interior de Minas Gerais que, entre os anos de 1893 e 1894, vivenciou um momento incomum: as ruas ficaram movimentadas por conta do êxodo de pessoas que chegavam da cidade do Rio de Janeiro em busca de sossego, tratamentos para doenças respiratórias e fuga

---

<sup>19</sup> O personagem Vicentim de Guimarães faz referências ao escritor Valentim Magalhães, que nessa época, 1894, possuía essa idade de 38 anos e esteve desterrado em Minas Gerais com Olavo Bilac e Magalhães de Azevedo.

<sup>20</sup> "Sanatorium". *Gazeta de Notícias*, 2 dez., 1894, p. 2.

do calor da capital federal, especialmente quem estava fugindo dos bombardeios da Revolta da Armada. A história se inicia na embarcação de trem de São Bernardo, onde chegavam as primeiras notícias e desembarcavam refugiados e turistas. Assim, em um dia especial, chegou a comitiva do Dr. Silveira Jacques, um médico responsável pela compra do falido Hotel Oriente. A cidade esperava ansiosamente para conhecer essa personalidade, que chegou em São Bernardo com o grande projeto de transformar um hotel em um sanatório-hotel-cassino. Os hóspedes que lá se encontravam e reclamavam dos serviços de hotelaria do Oriente, estavam ávidos pelas mudanças projetadas pelo Dr. Silveira Jacques, porque desejavam uma hospedagem aconchegante, funcionários atenciosos e serviços que funcionassem. Esses hóspedes possuíam partidos políticos diferentes, alguns eram monarquistas, uns republicanos florianistas e outros eram intelectuais republicanos. Ademais, as mulheres casadas precisaram conviver com as atrizes da companhia dramática, que foram acolhidas pelo Dr. Silveira Jacques no *Sanatorium*, e muitas contendas marcaram a presença da “troupe” no local, pois as vestimentas e a boemia das atrizes incomodavam as senhoras comprometidas.

Enquanto desenrolava-se a Revolta da Armada no Rio de Janeiro, o dono do *Sanatorium* começou a se endividar, seu projeto de reforma foi parado por falta de dinheiro e os empregados ficaram sem pagamento. Logo, por estar sendo perseguido pelos comerciantes de São Bernardo e sempre perdendo no cassino do *Sanatorium*, Dr. Jacques decidiu fugir e deixou todos os hóspedes e funcionários desiludidos e sem hospedaria. O fim do hotel-sanatório-cassino coincidiu com o fim da Revolta da Armada, em março de 1894, enquanto os hóspedes monarquistas choravam a derrota dos revoltosos Saldanha Marinho e Custódio de Melo, os florianistas comemoravam a consolidação do governo.

Enquanto o governo de Floriano terminava, os capítulos iniciais do *Sanatorium* eram publicados na primeira página da *Gazeta de Notícias* e ganhavam destaque no jornal<sup>21</sup>. A história narrada nesse romance se passa nos tempos da Revolta da Armada, a qual desencadeou motivos que fizeram muitos escritores e antiflorianistas fugirem, tanto da censura quanto do estado de sítio na capital federal, e escolherem o acolhimento das terras mineiras, como Ouro Preto, cidade que Olavo Bilac escolheu para se esconder por um tempo, e São João d’El-Rei, cidade onde Magalhães de Azeredo ficou até encontrar com Bilac em Juiz

---

<sup>21</sup>A partir de dezembro de 1894, o *Sanatorium* era publicado nos rodapés das páginas 2 ou 3 da *Gazeta de Notícias*.

de Fora. A intriga do romance se passa em uma cidade fictícia de Minas Gerais, intitulada São Bernardo, que, pela descrição, é a junção das cidades onde os escritores ficaram refugiados:

Em São Bernardo, dominam os costumes do interior, e respira-se um ambiente de memórias e lendas, que falam de venerandos esplendores antigos. As serras imensas, ásperas e sombrias, recortadas em duras angulosidades no azul do céu, com o qual contrasta fortemente a sua cor férrea, parecem proteger o burgo pacato contra as invasões do espírito hodierno, tão leviano na sua irreverência céticas, e impõem à alma do povo simples e o culto das velhas crenças e dos velhos hábitos, conservando-lhe com eles a aspiração de liberdade indômita, que a nenhuma tirania se curvou jamais. Ainda pelas ruas tortuosas - ladeiras íngremes, com péssimo calçamento[...]. As igrejas, crestadas nos seus zimbórios e portais pelos sóis de longos anos, notáveis algumas pelo primor de arquitetura, erguem a cruz simbólica muito acima das casas e das árvores, como se quisessem representar a vitória do dogma eterno sobre as mesquinhas contingências humanas...<sup>22</sup>.

Como pode ser notado, a descrição da cidade fictícia São Bernardo, logo no segundo capítulo do folhetim, remete ao leitor as experiências de Olavo Bilac em Ouro Preto. Além das descrições físicas, como as “ladeiras íngremes” e as igrejas históricas, é possível relacionar também a citada “liberdade indômita” à imagem de inconfidentes como Tiradentes. Outro fator interessante da narrativa é o Hotel Martinelli, que foi citado no final do folhetim<sup>23</sup>, era o mais famoso hotel de Ouro Preto na época e foi onde Olavo Bilac ficou hospedado durante sua estadia na antiga capital mineira<sup>24</sup>.

A publicação do folhetim *Sanatorium* foi uma forma que a *Gazeta de Notícias* encontrou para discutir e apresentar aos leitores os problemas enfrentados pela imprensa e pelos jornalistas da oposição durante aquele governo, conseqüentemente, assuntos como a revolta e a febre amarela movimentavam a história do romance:

Desde setembro, que a revolta da esquadra entrara pela vida fluminense como um germe de sustos e perturbações. O mar impunha as suas leis à terra, e todos os olhares se volviam para as ondas da formosa baía, constantemente enevoadas pelo fumo dos combates, e sacudia em choques violentos pelo ribombo dos canhões de grosso calibre. Navios e fortalezas hostilizavam-se desde o amanhecer até à tarde, e não raro pela escuridão da noite, a desoras, pacíficos dormentes eram despertados de um sono delicioso pelo estrondo

---

<sup>22</sup> “Sanatorium”. *Gazeta de Notícias*, 12 nov., 1894, p. 1.

<sup>23</sup> “Sanatorium”. *Gazeta de Notícias*, 12 dez., 1894, p. 3.

<sup>24</sup> MAGALHÃES JÚNIOR. *Op. cit.*, p. 163.

da artilharia mortífera, que abalava as habitações até aos alicerces, dando arrepios de pavor à pobre gente indefesa<sup>25</sup>.

No primeiro capítulo do folhetim, Athayde chama a atenção para a Revolta da Armada, que era parte do cotidiano fluminense desde setembro de 1893. Ao contextualizar o momento ao qual aquela sociedade estava submetida, o narrador explica que São Bernardo, cidade mineira, era escolhida pelos cariocas que fugiam dos bombardeios e das doenças que assolavam a capital federal. No segundo capítulo, mais detalhes daquele contexto político foram narrados no folhetim:

[...] com a revolta coincidia o estado de sítio, relativamente brando a princípio, crescendo depois em violência, pouco a pouco, até chegar aos últimos excessos. E muitos que nem o calor nem as granadas obrigariam a fugir, apontados pelas suas doutrinas suspeitas, pelas suas simpatias e antipatias livremente manifestadas, saíam do Rio açodadamente, demandando sítios menos agitados, em que não fosse delito pensar e falar com independência.[...] limitava-se a manifestar francamente o seu desgosto pelos atos do governo<sup>26</sup>.

No folhetim, o Hotel Oriente, que hospedava os refugiados do Rio de Janeiro, transforma-se em um sanatório, um ambiente especializado em tratamentos hidroterápicos, após a troca de donos. Esse hotel era de péssima qualidade, não servia seus hóspedes adequadamente, os serviços pioravam a cada dia. Apesar da mudança de nome e de dono, *Sanatorium* nunca deixou de ser um hotel e contar com um salão de jogos de apostas para os hóspedes. Segundo o narrador do romance, o novo dono do local era um “jovem médico”, que atendia pelo nome de Dr. Silveira Jacques e que havia chegado da Bahia com sua família para montar o seu projeto de sanatório. A sua intenção era transformar o antigo Hotel Oriente em um *Sanatorium*, que realizasse tanto o tratamento de Kneipp quanto o de hipnose e fosse referência para o cuidado de tuberculosos e neuropatas. A ideia era acolher enfermos e pessoas que estivessem visitando a cidade de São Bernardo, mas, com o tempo, esse plano não deu certo, pois o hotel continuou sem uma boa administração e oferecendo um péssimo atendimento aos hóspedes e pacientes:

---

<sup>25</sup> “Sanatorium”. *Gazeta de Notícias*. 11 nov., 1894, p. 1.

<sup>26</sup> “Sanatorium”. *Gazeta de Notícias*. 12 nov., 1893, p. 1.

São Bernardo era ponto especialmente procurado, pela situação tranquila e pela excelência do clima, favorável em particular aos doentes do peito, e aos organismos neuróticos, abatidos por longas crises. [...] O Hotel Oriente regurgitava de hóspedes, neste verão mais que nunca. É que além da temperatura calmosa e da quadra epidêmica, que afastavam tantas famílias do Rio, outro elemento determinavam o êxodo de muitíssimas pessoas. Era a revolta de 6 de setembro. [...] São Bernardo apresentava, neste sentido, especiais garantias. As tendências de oposição ali frutificaram, desde o período muito remoto e a quase todos os governos, ainda no antigo regime, proporcionaram maus quartos de hora, dificuldades sérias a vencer, nas nomeações, nos plebiscitos, e até em motins de certa gravidade. Assim, de envolta com inofensivos turistas, neutros em questões de partidos, tuberculosos melancólicos e neuróticos e exaustos, agitava-se o grupo, engrossado a cada trem, dos refugiados políticos, que a necessidade forçava a procurar, fora do lar doméstico, a segurança e o sossego da existência. A ação desses homens limitava-se a manifestar francamente o seu desgosto pelos atos do governo<sup>27</sup>.

O folhetim logo informa que a cidade era bastante procurada por causa do clima agradável e da segurança, pois ela era uma cidade que assegurava os direitos constitucionais para os sujeitos. Contudo, apesar de Jayme Athayde pontuar a chegada de “inofensivos turistas, neutros em questões políticas”, observa-se que, ao longo da história, todos os hóspedes do *Sanatorium* possuíam uma afinidade política: republicano ou monarquista, florianista ou antiflorianista, todos manifestavam suas opiniões e ninguém era neutro. Ao longo dos meses, algumas festas ocorreram no salão do hotel, e inúmeros foram os casos de divergências políticas entre a “troupe” da companhia teatral de Ifigênia da Costa e os hóspedes do hotel, que tratavam as atrizes e a cantora Leviccolo com desdenho e preconceitos, pois, além das divergências, muitos sabiam do romance de D. Carmita com dois homens, Vidigal e Romanguera. Enfim, devido a inúmeros problemas, em poucos meses o Dr. Silveira, enrolado nas dívidas que fez em São Bernardo, decretou falência e fugiu da cidade com a sua família, sem deixar pistas para os credores e hóspedes:

De tudo que ideara, nada fizera... O *Sanatorium* continuava simples hotel como antes, e cada vez mais mal administrado. As duchas abandonadas, não tinham frequentadores, o tratamento Kneipp, após o desastre sucedido a Romanguera, que tamanha bronquite apanhara, naturalmente porque não soubera aplicar o regime, perdera os sequazes e caíra em absoluto descrédito; a casa de saúde... fora uma linda fantasmagoria. [...] E as letras a pagar? As letras venciam, numerosas, implacáveis, dentro de três ou quatro dias?... Onde buscar dinheiro? Quem seria tão tolo que lho adiantasse? Pobre Silveira

---

<sup>27</sup> “Sanatorium”. *Gazeta de Notícias*, 12 nov., 1894, p. 1.

Jacques! Se ele descera já a contrair empréstimos com os próprios criados... Que degradação! E o espectro da falência lhe crescia diante dos olhos [...]. para aquecer-se, para esquecer a preocupação cruel dos seus dias e das suas noites, ele atirava-se ao jogo, perdendo loucamente os restos miseráveis da sua bolsa, e ingerindo, nos intervalos, taças de champanha e cálices de conhaque, sem conta e sem medida...<sup>28</sup>.

As dívidas e falência do diretor do *Sanatorium* remontam os tempos da política do *Encilhamento*<sup>29</sup>, quando muitos homens ricos e poderosos ficaram tomados de empréstimos, pois gastavam tudo o que tinham com os jogos de aposta que ocorriam no salão do hotel. Assim, cansado de tantas dívidas, um dia o Dr. Jacques Silveira foge da cidade com toda a sua família e não deixa vestígios. Por essa razão, a posse do *Sanatorium* foi dividida entre os credores e funcionários do hotel, o que deixou os hóspedes preocupados e sem lugar para ficarem. Porém, junto com a notícia da fuga de Dr. Jacques, pelo expresso chegou a informação de que os revoltosos, no litoral do Rio de Janeiro, haviam sido derrotados pelo governo de Floriano Peixoto. Dessa forma, coincidente ou propositalmente planejado pelos autores, o *Sanatorium* fechou as portas ao mesmo tempo em que a revolta no Rio de Janeiro foi controlada pelas forças florianistas, em março de 1894. Essa notícia indicava que, em breve, os hóspedes do hotel poderiam retornar para a capital federal, pois não iriam mais necessitar dos aposentos daquela cidade provinciana. Quando os hóspedes do hotel se reuniram para discutir a situação política ou as notícias vindas pelo expresso, o poeta Olívio Bivar buscou encerrar o assunto sem dar sua opinião acerca do governo do Marechal de Ferro, por outro lado, Manhães de Azevedo manifestou sua oposição ao governo em todas os diálogos sobre o assunto, como sempre faziam:

[...] Só, no vestíbulo, Olívio Bivar conversava com Vicentim Guimarães, e Manhães de Azevedo com Joãozinho Romão e Til Vóssio.  
 - O bombardeio depois de amanhã! Que espetáculo admirável há de ser! - dizia Vicentim a Azevedo. - Sinto, deveras, não estar no Rio.... - A D. Carmita é realmente uma deliciosa mulher! - observava Olívio. - É o pomo de discórdia desta casa! E, caramba! - vale a pena brigar por ela!...  
 - Aquele Romaguera é um elefante - exatamente Til Vóssio. - Cálculo o que vocês se terão aborrecido do com semelhante companheiro de hotel!...<sup>30</sup>.

<sup>28</sup> "Sanatorium". *Gazeta de Notícias*, 6 dez., 1894, p. 1.

<sup>29</sup> Sobre o encilhamento ver: CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1987. FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. 32 ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005. NAPOLITANO, Marcos. *História do Brasil República: da queda da Monarquia ao fim do Estado Novo*. São Paulo: Contexto, 2016.

<sup>30</sup> "Sanatorium". *Gazeta de Notícias*. 8 dez., 1894, p. 3.

## As batalhas de Olavo Bilac na imprensa carioca...

Essa passagem mostra que Olavo Bilac, por meio do seu personagem caricaturesco Olívio Bivar, não queria expor diretamente sua opinião acerca do governo Floriano Peixoto, o que deixa transparecer que ele não estava interessado nos assuntos políticos. Contudo, essa sua “falta” de interesse é uma de suas maiores sátiras, a qual também está presente na *Chronica Livre*. Nesse sentido, em todos os diálogos sobre a Revolta da Esquadra, Olívio buscava mudar de assunto ou convidava os colegas para tomar um conhaque e encerrar a conversa<sup>31</sup>, momentos em que a sua sátira ficava ainda mais notável. Logo, percebe-se que Olavo Bilac, ou sua caricatura no romance, era representado como uma pessoa de suposta neutralidade política, que não era compatível com sua trajetória, mas a sua maior militância girou em torno da liberdade de expressão e da crítica à suspensão dos direitos constitucionais.

A crítica à falta de liberdade também estava presente nas personagens femininas do folhetim, pois, nos apelidos ou nos estilos de levar a vida, todas carregavam uma ironia para denunciar a falta de liberdade e a agressividade do governo de Floriano Peixoto. Diferentemente do que era escrito nas propagandas do *Sanatorium*, publicadas em setembro de 1894 na *Gazeta*, as personagens femininas, ao longo do enredo do folhetim, possuíam importantes papéis carregados de críticas às questões políticas daquele período. *Aquidabã*, por exemplo, era o apelido de uma hóspede do hotel *Sanatorium*, pois, segundo Jayme de Athayde, ela possuía um:

aspecto sempre agressivo; e a alcunha corria de boca em boca, entre risinhos abafados. Cercavam-nas suas filhas, as torpedeiras e uma afillhada, menina buliçosa e trêfega, espreitadora e intrigante, que vivia saracoteando de um grupo para o outro a ouvir todas as conversas e era por isso chamada a lancha *Lucy*<sup>32</sup>.

Os dois apelidos citados no trecho acima fazem referência à Revolta da Esquadra, pois *Aquidabã* era o nome do principal navio da oposição do Marechal Floriano Peixoto, e *Lucy* era uma pequena embarcação que levava e trazia informações entre os navios e as ilhas Enxadas e de Villegaignon.<sup>33</sup> Dessa forma, por mais que o jornal tenha tentado negar a importância dos

---

<sup>31</sup> Ver: “Sanatorium”. *Gazeta de Notícias*. 2 dez., 1894, p. 2. e 8 dez., 1894, p.3.

<sup>32</sup> “Sanatorium”. *Gazeta de Notícias*, 14 nov., 1894, p. 1.

<sup>33</sup> COSTA, Sérgio Corrêa da. *A Diplomacia do Marechal: Intervenção estrangeira na Revolta da Armada*. 3ªed. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2017.

personagens femininas presentes no *Sanatorium*, nas entrelinhas do enredo, é possível ver as críticas à Revolta da Armada por meio dos papéis atribuídos a cada uma dessas mulheres.

Enquanto a revolta se passava no Rio de Janeiro, a companhia de teatro decidiu ficar em São Bernardo até a situação nacional melhorar e lá apresentavam algumas peças em um simples galpão da cidade. A cantora Leviccolo é uma personagem feminina cuja personalidade satirizava a censura imposta pelo governo do Marechal de Ferro graças às repressões que sofria por causa das normas do hotel *Sanatorium*. Leviccolo era uma mulher que gostava de escandalizar e, por estar longe da cidade grande e convivendo com mulheres de respeito no hotel, ela “sentia nostalgia do escândalo, como outros têm da pátria, a da família”<sup>34</sup>. Além disso, desde que saiu do Rio de Janeiro, o fato de ela estar em um lugar que era compartilhado com famílias e com outras mulheres que criticavam o modo de vida das atrizes, transformou a liberdade dela:

[...] num estabelecimento sério como aquele, habitado por famílias respeitáveis, que, assim, ficavam constrangidas, e, ao mesmo tempo, constrangiam os atores e as atrizes. Ora! ela, habituada à independência da capital, onde recebia as visitas que lhe agradavam, ceava com rapazes, o espocar das rolhas, ao espumar do champanha, entre brindes encantadores de blague e carícias abertamente lascivas dançava o *cancan* em plena sala de visitas, na sua casa particular, jogava beijos e sopapos com os seus amigos e frequentadores, **ela habituada a essas liberdades todas, podia agora conservar-se quieta, falar baixo, rir mais baixo ainda, calcular todos os movimentos, pesar todas as suas palavras, como uma senhora de responsabilidade? Não! Aquilo era absurdo.** Ela não podia mais<sup>35</sup>. [Grifo Nosso]

A falta de liberdade da Leviccolo, escancarada no fato de ela não poder fazer o que gostava e nem viver a vida a seu modo, era uma maneira de o folhetim denunciar a supressão da liberdade e a censura durante aquele período de estado de sítio vigente na capital federal. Ademais, o romance ainda destaca a dificuldade que outras mulheres, como as atrizes e as cantoras, encaravam devido à falta de liberdade dentro do *Sanatorium*, pois todos os atos delas eram condenados pelas mulheres casadas, uma vez que cada um deles “ofendia a moralidade reconhecida e proverbial do Sanatorium”<sup>36</sup>. Enfim, era divertido assistir a companhia dramática

<sup>34</sup> “Sanatorium”. *Gazeta de Notícias*. 23 nov. 1894, p. 3.

<sup>35</sup> Idem.

<sup>36</sup> “Sanatorium”. *Gazeta de Notícias*, 16 nov., 1894, p. 1.

## As batalhas de Olavo Bilac na imprensa carioca...

“nos disfarces do palco”, mas, nos ambientes comuns, elas não eram bem-vindas, haja vista que “modificavam singularmente o aspecto do hotel”<sup>37</sup>.

Quando o *Sanatorium* foi publicado na *Gazeta de Notícias*, entre novembro e dezembro de 1894, o momento conturbado e o governo de Floriano Peixoto estavam se encerrando. Assim, por meio da personagem Leviccolo, o folhetim narrava os entraves que os “homens de letras” enfrentavam naquele momento; a falta de liberdade que os impossibilitava de comentar sobre os acontecimentos políticos; a vontade de estar no Rio de Janeiro, mas não poder por causa das perseguições e as ameaças de prisão. Isso mostra que, mais uma vez, a literatura presente nas notas de rodapé da imprensa debatia política e temas sociais do momento:

A opinião pública! A Leviccolo a desdenhava nesse sentido, e noutro fazia tudo para adúlá-la e seduzi-la. O que se pudesse dizer de seus costumes, da sua vida privada, pouca moça lhe faria: mas **importava-lhe muitíssimo o juízo da imprensa** e do povo sobre a sua habilidade cênica, porque estava ali um elemento de sucesso... e de renda, portanto<sup>38</sup>. [Grifo nosso]

A opinião pública era importante para o governo de Floriano Peixoto e por isso era controlada. Além disso, dependendo do modo como as notícias eram publicadas na imprensa carioca, as autoridades florianistas perseguiram os jornalistas e censuravam o jornal responsável pela publicação. Nesse sentido, ao se observar o contexto em que *Sanatorium* foi escrito, nota-se que a falta de liberdade de expressão, a qual foi muito denunciada por Olavo Bilac na *Chronica Livre*, também foi descrita no folhetim através das personagens femininas. A “ordem severa do hotel” controlava Leviccolo, e a situação vivida pela personagem não deixava de ser uma sátira ao modo como o florianismo limitava a imprensa, os jornalistas e toda a oposição ao seu governo. Enquanto abordar as nostalgias de Leviccolo abria margem para criticar as repressões do Governo Federal, a personagem Marquesa do Tijuco também carregava a denúncia da censura vivida por aqueles “homens de letras”, pois ela era comparada a uma “inquisidora-mor” em razão de, a todo momento, controlar as atitudes do seu marido, o Marquês. Nas passagens em que esse controle é evidenciado, são traçados paralelos com a censura florianista: “a marquesa, insistindo na censura [...]”<sup>39</sup>, ou seja, no contexto em que o folhetim estava sendo publicado, era possível relacionar as censuras entre as personagens com

---

<sup>37</sup> Ibidem.

<sup>38</sup> Ibidem.

<sup>39</sup> “Sanatorium”. *Gazeta de Notícias*. 30 nov., 1894, p. 3.

o momento em que os intelectuais antiflorianistas haviam vivido durante o governo de Floriano.

Em 12 de dezembro de 1894, foi publicado o último capítulo do *Sanatorium*, e, no desfecho da obra, após a fuga do Dr. Silveira Jacques, o hotel encerrou suas atividades, e alguns hóspedes se mudaram para o Hotel Martinelli<sup>40</sup>. Com o fim da história do *Sanatorium*, chegou do Rio de Janeiro a notícia da vitória do governo sob os revoltosos da Armada:

O telegrama era minucioso. Dizia que os navios e as fortalezas dos revoltosos, na baía do Rio, hostilizados durante uma hora, tinham ficado mudos sob a chuva das bombas e das granadas; as forças do governo tinham reconhecido, afinal, que os redutos rebeldes haviam sido abandonados; o almirante Saldanha, com toda a sua oficialidade, refugiara-se a bordo de um navio português...<sup>41</sup>.

O final chama a atenção para o casal Marquesa e Marquês, que foram os últimos a sair do hotel ao mesmo tempo em que “estrepitavam no ar foguetes, celebrando a vitória do governo”<sup>42</sup>. A saída dos monarquistas do *Sanatorium* parecia fazer uma referência ao fim da monarquia e à vitória do governo que consolidou a República. A saída da Marquesa foi narrada como uma despedida fúnebre, pois a monarquista se vestiu de preto e, no momento em que ela desceu a escadaria do hotel, “duas lágrimas lhe correram pela face gorda”. Ademais, a Marquesa sempre apareceu cantando o “Hino ao Saldanha” no salão daquele hotel, mas, durante aquela partida, ela certamente era uma sátira da dor dos antiflorianistas e monarquistas ao presenciarem as comemorações em prol do governo após ter controlado a Revolta da Armada. Era mais do que o fim do *Sanatorium*, era também a derrota da Revolta da Esquadra.

No romance-folhetim *Sanatorium*, é evidente a intenção dos autores de relacionar a república com um hotel-sanatório, pois ficam claras as críticas à monarquia e a necessidade de apagar o passado colonial e escravocrata para, enfim, viver os tempos republicanos modernos e civilizados. Por essa razão, os autores deram o desfecho de velório para o casal de marqueses, que enlutados observavam os fogos de artifícios estalarem no céu em comemoração pela consolidação do governo de Floriano Peixoto com o fim da Revolta da Armada. No hotel

---

<sup>40</sup> Olavo Bilac enquanto esteve desterrado em Ouro Preto ficou hospedado em um hotel do mesmo nome. JORGE, Fernando. *Vida e poesia de Olavo Bilac*. 6ªed. Osasco, SP: Novo Século Editora, 2007, p. 206.

<sup>41</sup> “Sanatorium”. *Gazeta de Notícias*. 12 dez., 1894, p. 3.

<sup>42</sup> Idem.

## As batalhas de Olavo Bilac na imprensa carioca...

*Sanatorium*, as diferenças precisavam conviver entre si - monarquistas e republicanos, mulheres casadas e atrizes, doentes, pois assim devia ser o sistema republicano, que ainda no início cerceava as liberdades individuais por meio de decretos, estados de sítios e perseguições aos opositores. A república vivida era doentia e precisava de cuidados, por isso, o melhor era um local destinado a acolher doentes para tratamentos.

### Referências bibliográficas

BILAC, Olavo. *Chronicas e novelas: 1893-1894*. Rio de Janeiro: Cunha & Irmão, 1894.

BILAC, Olavo. *Vossa Insolência: Crônicas*. Antonio Dimas (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CARVALHO, José Murilo. *A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CARVALHO, José Murilo. *Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

COSTA, Sérgio Corrêa da. *A Diplomacia do Marechal: intervenção estrangeira na Revolta da Armada*. 3ªed. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2017.

DIMAS, Antonio. *Bilac, o jornalista: crônicas*. V. I São Paulo: Edusp/Unicamp/Imprensa Oficial, 2006.

DIMAS, Antonio. *Bilac, o jornalista: crônicas*. V. II São Paulo: Edusp/Unicamp/Imprensa Oficial, 2006.

DIMAS, Antonio. *Bilac, o jornalista: ensaios*. São Paulo: Edusp/Unicamp/Imprensa Oficial, 2006.

GOMES, Ângela de Castro e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Primeira república: um balanço historiográfico*. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n° 4, p.267-269, 1979.

JORGE, Fernando. *Vida e poesia de Olavo Bilac*. 6ªed. Osasco, SP: Novo Século Editora, 2007.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raymundo. *Olavo Bilac e sua época*. Rio de Janeiro: Ed. Americana, 1974.

NAPOLITANO, Marcos. *História do Brasil República: da queda da Monarquia ao fim do Estado Novo*. São Paulo: Contexto, 2016.

PORTO, Ana Gomes. Um esqueleto no Paço Imperial: literatura e política em alguns folhetins no início da República. *Cadernos AEL*, 9 (16/17), 2010.

RAMOS, Ana Flávia Cernic. *As máscaras de Lélío: ficção e realidade nas Balas de Estalo de Machado de Assis*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

RAMOS, Ana Flávia Cernic. *Barricadas em rodapés de jornais: revolta popular e cidadania política na Gazeta de Notícias (1880)*. Revista de História, n.179. São Paulo: 2020.

RAMOS, Ana Flávia Cernic. *A política imperial nas “Cousas Políticas” e nas “Balas de Estalo da Gazeta*

SIMÕES JÚNIOR, Alvaro Santos. *A “Crônica” de Bilac em A Bruxa (1896-1897)*. Revista da Anpoll. Nº 38, p. 144-155, Florianópolis, jan./jun., 2015.

SIMÕES JÚNIOR, Alvaro Santos. *A sátira do Parnaso*. São Paulo: Ed. da UNESP e FAPESP, 2007.

SIMÕES JÚNIOR, Alvaro Santos. *A contribuição de Bilac para a crônica brasileira. O eixo e a roda*. V. 9/10, Belo Horizonte, 2003/2004.

SIMÕES JÚNIOR, Alvaro Santos. *Entre o Parnaso e a Rua do Ouvidor*. In: BILAC, Olavo. *Sátiras. Edição e estudo crítico de Alvaro Simões Junior*. São Paulo / Lisboa: Editora Unesp Digital / CLEPUL, 2018.

SIMÕES JÚNIOR, Alvaro Santos. *Bilac vivo*. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2017.

Recebido em: 08.06.2021

Aprovado em: 04.12.2021